

SAÚDE E TRABALHO DOCENTE: DANDO
VISIBILIDADE AOS PROCESSOS DE DESGASTE E
ADOECIMENTO DOCENTE A PARTIR DA
CONSTRUÇÃO DE UMA REDE DE PRODUÇÃO
COLETIVA *

Tânia Maria de Araújo

Eduardo Reis

Cristina Kawalkiewicz

Annibal Silvany-Neto

Núria Serre Delcor

Ivone Paranhos

Fernando Martins Carvalho

Lauro Porto

Renate Wernick **

* Os estudos que serão apresentados aqui foram realizados com recursos financeiros da CONTEE, Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq), SINPRO/BA, SIMMP/VC, Prefeitura Municipal de Vitória da Conquista, UEFS e UFBA.

** Tânia Maria de Araújo (Doutora em Saúde Pública — Núcleo de Epidemiologia, Departamento de Saúde, UEFS); Eduardo Reis (Doutorando em Medicina e Saúde — Departamento de Medicina Preventiva, FAMED/UFBA), Cristina Kawalkiewicz (Confederação Nacional dos Trabalhadores em Estabelecimentos de Ensino — CONTEE / SINPRO-BA), Annibal Silvany-Neto (Mestre

em Saúde Comunitária, Departamento de Medicina Preventiva, FAMED, UFBA), Núria Serre Delcor (Mestranda em Medicina e Saúde, FAMED/UFBA), Ivone de Sena Paranhos (Mestranda em Saúde Coletiva, Núcleo de Epidemiologia, Departamento de Saúde, UEFS), Fernando Martins Carvalho (PhD/Saúde Ocupacional — Departamento de Medicina Preventiva, FAMED/UFBA), Lauro Porto (Doutorando em Medicina e Saúde — Departamento de Medicina Preventiva, FAMED/UFBA), Renate Wernick (Mestre em Saúde Comunitária, Departamento de Medicina Preventiva, FAMED/UFBA).

HEALTH AND TEACHERS' WORK: GIVING
VISIBILITY TO WEARING PROCESS AND
ILLNESS AMONG TEACHERS STARTING FROM
A COLLECTIVE PRODUCTION NETWORK

RESUMO

O processo de trabalho docente vem sofrendo diversas mudanças nos últimos anos. Muitas dessas mudanças têm promovido repercussões negativas sobre a saúde dos professores. Este ensaio apresenta achados de quatro estudos realizados com professores da rede pública e privada da Bahia, em diferentes níveis de ensino (fundamental, médio e universitário). Os quatro estudos realizados empregaram o método epidemiológico e usaram desenho de estudo do tipo corte transversal. Foram avaliadas: características sociodemográficas e do trabalho docente, condições de trabalho e saúde física e mental dos professores. Os resultados revelaram um padrão elevado de desgaste físico e psíquico dos professores, apesar da população estudada ter sido relativamente jovem (média de idade em torno de 35 anos). As queixas de doença mais relevantes foram aquelas relacionadas ao uso contínuo da voz (dor na garganta, rouquidão, perda temporária da voz), à postura corporal adotada no exercício das atividades (dor nas costas e pernas) e repercussões dessas atividades no funcionamento psico-emocional (cansaço mental, nervosismo). Sofrimento psíquico também foi um problema relevante observado nos estudos. A situação de saúde observada é merecedora de atenção e aponta a necessidade de mudanças imediatas na concepção e execução das condições e processo de trabalho docente.

PALAVRAS-CHAVE: saúde ocupacional, trabalho docente, condições de trabalho, epidemiologia, saúde do professor.

ABSTRACT

In the last years, the teachers' work process has undergone several changes, most of them leading to hazardous repercussions to health. This study presents the findings of four surveys carried out among teachers from the public and private teaching net in the State of Bahia, Brazil, at different levels (fundamental, intermediate and university). All the four surveys had the cross-sectional design and used the same epidemiological techniques basically. Evaluations included description of teachers' work, socio-demographic characteristics, work conditions and their mental and physical health. A high level of mental and physical wearing was found, despite the young age (35 years) of the studied populations (around 35 years). Most relevant disease complaints were related to the continuous use of the voice (sore throat, hoarseness, temporary loss of the voice), to body posture at work (back and limbs pain) and their repercussions on the psycho-emotional performance (tiredness, nervousness). Psychological distress was found as a relevant problem in all studies. The observed health situation deserves further attention and points out to the needing of immediate changes in the conception and execution of teachers' work process and work conditions.

KEY WORDS: Occupational health, teachers' work, work conditions, epidemiology, teacher's health

TRAJETÓRIA: IDENTIFICANDO DEMANDAS E CONSOLIDANDO AÇÕES

O desenvolvimento de pesquisas para avaliar as condições de saúde e de trabalho dos professores iniciou-se a partir de uma demanda do Sindicato de Professores da Rede Particular de Ensino da Bahia (SINPRO/BA), no ano de 1995. A demanda foi gerada pela necessidade de produção de evidências empíricas capazes de explicitar o processo de desgaste dessa categoria profissional, de modo a fornecer subsídios para a melhoria das condições de trabalho identificadas pelos próprios professores como nocivas à saúde. A iniciativa do SINPRO foi fortalecida por uma parceria com a CONTEE — Confederação Nacional de Trabalhadores em Estabelecimentos de Ensino, abrindo-se uma nova frente de luta no movimento sindical. A partir de uma demanda sindical, portanto, foi realizada a primeira pesquisa: um amplo diagnóstico das condições de trabalho e de saúde dos professores da rede particular de ensino de Salvador.

De 1995 a 2002, outros três estudos foram realizados e, aos poucos, possibilitaram a estruturação de uma linha de pesquisa sobre “Saúde e Educação” que atualmente integra pesquisadores e colaboradores da Universidade Federal da Bahia, Universidade Estadual de Feira de Santana, Confederação Nacional de

Trabalhadores em Estabelecimentos de Ensino e vários Sindicatos de Professores (SINPRO — Sindicato da Rede Particular de Ensino da Bahia; SIMMP — Sindicato Municipal do Magistério Municipal Público de Vitória da Conquista; APUB — Associação dos Professores Universitários da Bahia; e ADUFS — Associação dos Docentes da Universidade Estadual de Feira de Santana). A equipe é multidisciplinar e possui profissionais de diversas áreas do conhecimento: medicina, direito, psicologia, fonoaudiologia e saúde pública. Além disso, alunos de graduação e pós-graduação da UFBA e UEFS têm participado dos estudos que vêm sendo desenvolvidos.

Este ensaio tem por finalidade apresentar alguns dos principais achados dos estudos realizados com professores da rede pública e privada da Bahia e em diferentes níveis de ensino (fundamental, médio e universitário). Trata-se, na verdade, de uma síntese de resultados oriundos de quatro investigações: 1) condições de saúde e trabalho dos professores da rede particular de ensino de Salvador, Bahia; 2) condições de saúde e trabalho dos docentes da Universidade Federal da Bahia; 3) interface entre trabalho docente e saúde — estudos de professores da Universidade Estadual de Feira de Santana; 4) condições de saúde

e trabalho de professores da rede municipal e particular de ensino de Vitória da Conquista.

Nas últimas décadas, o avanço da industrialização, da tecnologia, da informática, o crescimento demográfico, a crescente urbanização e a expansão dos meios de comunicação transformaram nossas sociedades, alterando substancialmente a vida individual e coletiva (Oliveira, 2001). A globalização econômica e o desenvolvimento de novas tecnologias favoreceram maior instabilidade do mercado de trabalho, intensificando-se as situações de desigualdade. No novo sistema do mundo neoliberal, o ensino sofreu grandes mudanças na sua organização, transformando-se num mercado destinado a produzir mais-valia.

No contexto atual de nossas sociedades, portanto, tem-se observado mudanças significativas na estruturação e valorização social das atividades docentes. A análise de alguns desses aspectos é relevante para a compreensão das relações que se estabelecem entre o trabalho e o processo saúde-doença nessa categoria profissional. Antes de prosseguirmos na apresentação das evidências empíricas produzidas em nossas investigações, realizaremos uma breve discussão sobre o processo de transformação da atividade docente.

ATIVIDADE DOCENTE

O que historicamente tem marcado a diferenciação entre homens e animais é a própria produção dos meios de subsistência pelo homem. O homem interpreta a própria atividade como uma manifestação de si mesmo (Alighiero, 1991). Segundo Dejours (1987), cada indivíduo realiza o trabalho de uma forma pessoal, estruturando modos específicos de executar cada uma de suas etapas. Esse processo, portanto, é conformador de identidade, permitindo que o indivíduo possa reconhecer-se no produto obtido no final do processo de produção. Quando ocorre a impossibilidade de realizar o trabalho de forma livre, quando o trabalhador é bloqueado na sua criatividade, emerge um novo significado do trabalho na vida dos indivíduos, estando este mais próximo de produzir sofrimento. Para Antunes (2001), uma vida desprovida de sentido no trabalho é incompatível com uma vida cheia de sentido fora do trabalho. Uma vida cheia de sentido fora do trabalho supõe uma vida dotada de sentido dentro do trabalho. Quanto mais criativo e completo for o trabalho, mais o homem cria-se a si mesmo (Codo, 1999).

O trabalho tem um papel relevante na vida das pessoas e, portanto, não cabe compreendê-lo necessariamente como prejudicial à vida. Se há situações em que

o trabalho pode ser lesivo ao homem, sua ausência também pode se tornar nociva à saúde biopsíquica dos indivíduos. Estudos realizados em países desenvolvidos constatam estreita relação entre desemprego, suicídios e outros agravos à saúde (Rocha e Gomes, 2001).

Por seu caráter de essencialidade na vida dos homens, o trabalho deveria permitir a realização dos mais altos preceitos éticos e morais, mas, historicamente, as formas de realização do trabalho têm-se pautado em relações de dominação, trazendo sérias repercussões para a saúde dos trabalhadores, principalmente à saúde mental.

Noriega (1995) chama a atenção para os efeitos nocivos da atual conjuntura socioeconômica, sob a égide neoliberal, sobre a saúde dos trabalhadores. Cita, entre outros aspectos, a subordinação, as diferenciações salariais, a individualização dos problemas de saúde e as modificações da legislação trabalhista como instauradores das mais estritas, exigentes e desumanas condições sociais de trabalho, principalmente no contexto latino-americano.

Desse modo, a necessidade de maior aprofundamento e compreensão das relações saúde – trabalho exige a compreensão das novas configurações assumidas pelo mercado de trabalho, que vem se deslocando do ambiente industrial

para o setor de serviços, trazendo à tona a problemática do modo como se desempenham algumas atividades laborais que, apesar do seu caráter intelectual, vêm se desenvolvendo sob condições ambientais e organizacionais que afetam o funcionamento biológico e psíquico dos indivíduos que as executam.

Para Esteve (1995, p. 95), o estudo da atual situação dos professores implica situá-la “num processo histórico em que as mudanças sociais transformaram profundamente o seu trabalho, a sua imagem social e o valor que a sociedade atribui à própria educação”. De acordo com Esteve (1995, p. 99) as modificações referentes à atividade docente se devem a:

Fatores de primeira ordem, os que incidem diretamente sobre a ação do professor na sala de aula, modificando as condições em que desempenha o seu trabalho, e provocando tensões associadas a sentimentos e emoções negativas que constituem a base empírica do mal-estar docente;

Fatores de segunda ordem referentes às condições ambientais, ao contexto em que se exerce a docência.

A análise desses fatores pode possibilitar a identificação dos aspectos contextuais definidores da ação docente

e dos reflexos do desempenho da docência sobre a saúde biopsíquica dos professores. Nesse sentido, a relação saúde – trabalho docente tem sido objeto de produções científicas que buscam avaliar as fontes de ansiedade, de estresse e até mesmo de adoecimento decorrente das condições ambientais e sociais nas quais a docência tem sido executada. Esses estudos têm sido importantes, pois, conforme ressaltam Silvano-Neto et al. (2000), a relevância de se conhecer cada processo de trabalho revela-se fundamental para a compreensão dos processos de desgaste e, portanto, para a adoção de medidas de prevenção eficazes.

A atividade de ensino, enquanto atividade inserida no contexto das relações sociais capitalistas, sob a égide da globalização, tem perdido seu prestígio social, trazendo efeitos negativos para a auto-estima e a identidade social da categoria dos professores.

Vários estudos realizados no Brasil (Ruiz et al., 1998; Cesat, 2000; Codo, 1999; Cunha, 2000; Wernick, 2000; Noronha, 2001; Paranhos, 2001) e fora do país (Kohen e Valles, 1994; Kohen, 1997; Pithers e Soden, 1998; Griffith et al., 1999; Maslach e Leiter, 1999; Cifuentes, 2000; Dick e Wagner, 2000; Jacobson et al., 2001; Taris et al., 2001) identificam diversos aspectos característicos das

condições ambientais nas escolas (inadequação das salas, falta de ventilação, ruído, pó de giz, carteiras e quadros impróprios, escassez de material didático, excesso de alunos em sala, entre outros). Aspectos ligados à organização do processo de trabalho, como: ritmo de trabalho, pressão hierárquica e dos colegas, relação professor-aluno, tarefas repetitivas, entre outros, considerados fatores estressores, também têm sido destacados. No caso do Brasil e, em particular, da Bahia, deve-se acrescentar as aviltantes condições salariais que perduram anos seguidos e que têm repercutido negativamente sobre o nível de renda e a qualidade de vida dos trabalhadores de modo geral. Todos esses aspectos podem trazer alterações biopsíquicas para os professores.

Braga (1996 apud Cunha, 2000) destaca os gestos, expressões corporais e fisionômicas e modulação da voz ao conteúdo das palavras como elementos do processo de ensino dos professores aos educandos. A aula expositiva que se restringe ao uso da voz tem sido constante na prática educativa no Brasil, principalmente diante das limitações de recursos didáticos das instituições de ensino. Mesmo que isso não determine negativamente a qualidade da aula, a limitação instrumental tem exposto os docentes ao uso constante da voz e ao

pó de giz ocasionando, respectivamente, problemas nas cordas vocais e reações alérgicas.

O processo de trabalho docente se estrutura, de acordo com Sacristán (1995), mediado pelo que ele denomina de práticas institucionais, práticas organizativas e práticas didáticas. As práticas institucionais relacionam-se ao funcionamento do sistema educativo. As práticas organizativas definem a forma de trabalho dos professores, a divisão do tempo e do espaço institucional, a articulação dos saberes e das disciplinas, bem como os critérios de organização das turmas, dentre outros aspectos administrativos. Tais práticas são determinadas por uma estrutura de funcionamento que incorpora os professores individual e coletivamente, influenciando decisivamente no trabalho pedagógico. Por sua vez, as práticas didáticas são de responsabilidade imediata do professor, compondo o teor da profissionalidade docente num sentido técnico e restrito. A atividade docente conforma-se sobre vários aspectos que têm sido isoladamente verificados pela área de educação, em relação à prática didático-pedagógica dos professores, e pela área de saúde, quando se trata de avaliar os efeitos das condições de trabalho nas instituições educacionais.

Cabe, portanto, o esforço para a estruturação de abordagens que possam

agregar, simultaneamente, as relações que se tecem entre o processo de trabalho, as práticas pedagógicas postas em ação no cotidiano escolar, e o processo de desgaste físico e mental dos trabalhadores em educação.

REPERCUSSÕES DO TRABALHO SOBRE A SAÚDE DOS PROFESSORES

Segundo Therrien e Loiola (2001), a consolidação das mudanças sociais encontra suas bases na educação. Na sociedade da informação, o professor torna-se o grande responsável pelo sucesso ou fracasso dos processos educacionais. Os fatos que vêm mudando a relação escola – sociedade repercutem nas formas de desgaste do professor. Vasconcelos (2001:16) ressalta que, atualmente, vive-se uma crise mundial não apenas em termos econômicos, mas também “crises da racionalidade, fim das utopias, subjetivismo, mudanças no ordenamento mundial, revolução tecnológica, exacerbação religiosa”. Esse contexto engendra colapso de referenciais na sociedade, refletindo de forma ainda mais incisiva no papel do professor, que, de acordo com Therrien e Loiola, é o profissional responsável pela “produção de sentidos” ou significações científicas.

Esteve (1995), ao investigar os efeitos da mudança social sobre a atividade dos professores, constatou que tais efeitos

refletiam a modificação do apoio da sociedade ao sistema educativo, agora marcado pela desvalorização social do professor, pela mudança dos conteúdos curriculares, pela escassez de recursos materiais e deficiências das condições de trabalho, pelas mudanças na relação professor-aluno, pelo aumento das exigências em relação ao papel do professor, bem como pela fragmentação do seu trabalho. Essa situação gerou o que esse autor identificou como “mal-estar docente” (*malaise enseignant, teacher burnout*), termo advindo da literatura pedagógica para resumir o conjunto de reações desenvolvidas por esse grupo profissional, resultante do desajuste provocado pela mudança social.

O “mal-estar docente” e o esgotamento produzido pela acumulação das exigências aos professores repercutem sobre sua personalidade e o exercício da docência. De acordo com Esteve (1995, p. 112), as investigações nesse campo ainda não especificam de forma precisa os conceitos de “desajustamento”, de “problemas psicológicos” ou de “saúde mental”. Contudo, segundo Esteve, pode-se encontrar referências da existência, a nível internacional, de uma “fase de desencantamento” e até mesmo a presença de um “ciclo degenerativo da eficácia docente”, devido à conjunção de

fatores sociais e psicológicos inerentes à mudança social acelerada que estamos vivendo.

Considerando a pressão das diversas fontes de tensão presentes no ato de ensinar, ativadas por aspectos gerados no processo de mudança social, Esteve (1995, p. 113) apresenta as principais conseqüências do que tem sido denominado por diversos autores de “mal-estar docente”: a) sentimentos de desajustamento e insatisfação perante os problemas reais; b) prática do ensino, em aberta contradição com a imagem ideal do professor; c) pedidos de transferência como forma de fugir da situação conflituosa; d) desenvolvimento de esquemas de inibição, como forma de cortar implicações pessoais com o trabalho que se realiza; e) desejo manifesto de abandonar a docência (realizado ou não); f) absenteísmo laboral, como mecanismo para cortar a tensão acumulada; g) esgotamento como conseqüência da tensão acumulada; h) estresse; i) depreciação do *eu*, auto-culpabilização perante a incapacidade de ter sucesso no ensino; j) reações neuróticas; l) depressões; m) ansiedade, como estado permanentemente associado a diagnósticos de doença mental.

Uma das formas do “mal-estar docente”, cuja abordagem científica vem-se desenvolvendo desde os anos 70, tem

sido denominada de síndrome de *burnout*¹ ou “síndrome da desistência”, significando o esforço para compreender o “sentimento crônico de desânimo, apatia, de desresponsabilização” porque passam os docentes atualmente (Codo e Vasques-Menezes, 1999, p. 237).

No Brasil, Carvalho (1995) e Codo (1999) investigaram a existência da *síndrome de burnout* respectivamente entre os professores de nível médio e fundamental na rede estadual de ensino de Mogi Mirim em São Paulo e entre os trabalhadores de educação em todos os estados brasileiros.

Carvalho (1995) avaliou como moderado o grau dessa síndrome na população por ela estudada, ressaltando que não é possível prever quando os indivíduos passam do nível moderado para o alto ou do baixo para o moderado. Para essa autora, trata-se de uma evolução desconhecida, “como desconhecido é seu impacto sobre a geração de educandos que passam por professores nos diferentes níveis de *burnout*”. A autora alerta para o fato de que a *síndrome de burnout* tem sido “resultante das condições de vida e trabalho do professor” (Carvalho, 1995, p. 180).

Codo (1999), em pesquisa realizada entre os educadores de 27 estados brasileiros, encontrou 48% de indivíduos com algum sintoma de *burnout*.

Identificaram ainda que um a cada quatro educadores sofria de exaustão emocional e 90% não se sentiam satisfeitos, apesar da grande maioria demonstrar comprometimento com seu trabalho.

Maslach e Leiter (1999, p. 27), ao estudar as causas do desgaste físico e emocional entre trabalhadores, incluindo os docentes, destacam seis pontos de desequilíbrio entre os indivíduos e seus trabalhos: excesso de trabalho, falta de controle, remuneração insuficiente, colapso das relações interpessoais, ausência de equidade e valores conflitantes. Para esses autores o excesso de trabalho aumenta conforme aceleração do seu ritmo, o que “prejudica a qualidade, desfaz relações com colegas, mata a inovação — e ocasiona o desgaste físico e emocional”, principalmente em se tratando do trabalho docente.

Outras investigações especificamente voltadas para os trabalhadores de educação também apontam para a necessidade de avaliação das fontes e da extensão da ansiedade e do estresse percebido pelo professor (Copper, 1995). Tais estudos comumente apresentam a pressão do tempo, relação com administração e outros colegas, ameaças

¹ A expressão *burnout* origina-se do verbo inglês “to burn” que significa queimar, destruir pelo fogo, ferir, ou ainda, em sentido conotativo, estar excitado, ansioso.

verbais e físicas feitas pelos estudantes, tarefas extra-classe, reuniões e atividades adicionais e problemas com alunos como fontes de estresse que têm acometido essa categoria, trazendo comprometimento à sua saúde.

Dados da Organização Internacional do Trabalho (OIT, 1981; OIT, 2001) assinalam que, em termos de doenças ocupacionais, os professores só perdem para os mineiros. As doenças mais freqüentes entre os docentes vão desde alergia a pó de giz, calos nas cordas vocais, varizes, gastrite, labirintite, reumatismo e estafa.

Estudos realizados pela Confederação de Trabalhadores da Educação da Argentina demonstram que a profissão docente acarreta elevado desgaste físico e psíquico em decorrência de situações próprias do ambiente e do exercício profissional. Entre as queixas de saúde mais freqüentes, encontram-se problemas nas cordas vocais, 38%; distúrbios psiquiátricos, 34%; e problemas digestivos, 23% (Kohen, 1997).

Na maioria dos estudos existentes sobre as condições de trabalho e saúde dos professores, há um consenso quanto ao caráter altamente estressor dessa profissão, ocasionando repercussões variadas sobre a saúde dos professores (Silvany-Neto et al., 2000).

Vasconcelos (1995), avaliando dados do Hospital do Servidor Público de São Paulo relativos ao ano de 1988, revelou o grau de comprometimento da saúde dos professores nesse estado: a neurose e a depressão afastavam, em média, 33 professores por dia letivo, sendo que nos 15 meses anteriores ao estudo notificou-se 8.868 licenças por tratamento de doenças mentais, sendo 6.271 casos de neurose, 807 de dificuldades de ajustamento, 599 de estresse e 284 de depressão.

Nota-se, portanto, que além dos agravos que atingem de forma direta o corpo físico do docente, existem riscos também com relação à saúde psíquica. No Brasil, a avaliação dessa questão, embora incipiente, revela dados tão preocupantes quanto os resultados dos estudos já citados. Na década de 90, quando foram realizadas investigações sobre as condições de trabalho na escola pública, encontrou-se evidências de elevado percentual de adoecimento geral (Ruiz et al., 1998; Cesat, 1998; Codo, 1999; Noronha, 2001). Os estudos desenvolvidos apresentam congruência de resultados no tocante não só às queixas de saúde mais freqüentes entre os professores, como também às condições de trabalho que têm ocasionado essas queixas na conjuntura atual.

Portanto, a preocupação com a categoria profissional dos trabalhadores da educação, apesar de ser ainda recente, evidencia um quadro de paulatina deterioração da saúde dos professores. A qualidade de vida desse grupo populacional revela-se seriamente comprometida diante de condições de trabalho adversas, a exemplo de exposição à pó de giz, dos baixos salários desses profissionais e da conseqüente diminuição do poder de consumo, além das múltiplas tarefas que lhes vêm sendo atribuídas.

A partir dos estudos realizados no Estado da Bahia, iniciados no ano de 1995, podem ser observadas algumas evidências do processo de desgaste dos professores no contexto atual. Essas evidências têm orientado ações dos trabalhadores na defesa de sua saúde e revelam que o conhecimento de situações concretas de trabalho e suas repercussões sobre a saúde representam uma via estratégica privilegiada para a atuação sindical, fortalecendo iniciativas que podem sustentar modificações nas condições de trabalho. Essas evidências podem proporcionar também elementos relevantes para reflexão e redimensionamento das práticas em educação.

TRABALHO E SAÚDE DO PROFESSOR: ALGUMAS EVIDÊNCIAS EMPÍRICAS

A fim de dar visibilidade à relação entre saúde e trabalho docente, foram realizados estudos em diferentes cidades no Estado da Bahia, Brasil (Salvador, Feira de Santana e Vitória da Conquista). Os estudos incluíram todos os níveis de ensino (pré-escola, ensino fundamental, médio e universitário). A seguir serão descritos, sinteticamente, os procedimentos metodológicos adotados e apresentados os resultados mais relevantes das investigações feitas.

1 ASPECTOS METODOLÓGICOS

A) TIPOLOGIA DOS ESTUDOS

Todas as quatro investigações realizadas empregaram o método epidemiológico e usaram desenho de estudo do tipo corte transversal. Os estudos de corte transversal ocupam importante lugar na epidemiologia ocupacional. Caracterizam-se pela avaliação simultânea de exposição e doença, ou outro tipo de desfecho, em um ponto do tempo ou num período curto de tempo. O tipo mais comum de estudo seccional é aquele pontual, no qual a prevalência na população de trabalhadores é medida em um único momento (Pereira, 1995). A análise da

prevalência é feita por meio da comparação entre os grupos de expostos e não expostos à condição de interesse do estudo.

Entre as vantagens dos estudos transversais, podemos destacar: o fato de serem de fácil execução; de possibilitarem obter informações relevantes em situações de limitação de tempo e de recursos; de produzirem informações sobre a frequência e característica da doença ou agravo; de permitirem descrever características dos eventos na população, seja da doença, seja dos fatores a ela relacionados, a fim de identificar casos ou detectar grupos de alto risco para os quais pode-se privilegiar medidas de intervenção mais imediatas; e de permitirem incluir não apenas estados de doença, mas condições ou estados que podem levar à doença, como, por exemplo, o nível de estresse em uma população.

Além dessas vantagens, Checkoway et al. (1989), considerando o campo específico dos estudos ocupacionais, apontam outras vantagens de sua utilização: aplicabilidade a eventos não fatais (geralmente, caracterizados por uma persistência da prevalência em período considerável de tempo) e a eventos cuja definição do ponto de início seja de difícil estabelecimento.

B) INSTRUMENTOS DE PESQUISA

Foram utilizados questionários auto-aplicáveis. Portanto, as informações coletadas foram auto-referidas. Nenhuma medida objetiva de avaliação das condições de trabalho foi incluída. No estudo dos professores da UEFS, entrevistas semi-estruturadas foram feitas em uma coleta complementar de dados.

Embora cada estudo tenha avaliado um conjunto diferenciado de aspectos ocupacionais e repercussões sobre a saúde, todos os instrumentos de pesquisa utilizados incluíram blocos de questões sobre: bloco 1, identificação geral do entrevistado e da escola onde ele respondeu o formulário (destinado a caracterizar os indivíduos segundo variáveis como sexo, escolaridade, idade, tempo de trabalho na profissão, carga horária total de trabalho na semana, turno de trabalho); bloco 2, características do ambiente de trabalho (visando especificar os aspectos/situações que os professores percebem como característicos dos seus locais de trabalho); bloco 3, queixas de doenças (para avaliar a situação global de saúde dos indivíduos, buscando identificar queixas e sintomas de agravos à saúde apontados na literatura como frequentes entre os professores, um *check-list* de sintomas de saúde física foi usado); bloco 4, avaliação da saúde mental dos trabalhadores através de um instrumento

de detecção de distúrbios psíquicos menores: o SRQ-20 — *Self-Report Questionnaire*⁵ (Mari, 1986), e de um instrumento para triagem de suspeitos de consumo abusivo de álcool, o teste CAGE; bloco 5, questões sobre Serviço de Medicina e Segurança do Trabalho nas escolas, doenças e acidentes do trabalho e problemas de saúde recentes.

Em função das questões abordadas pelos instrumentos de pesquisa e objetivando diminuir ao máximo possíveis resistências, manteve-se o anonimato no preenchimento dos questionários, não sendo solicitado ao professor que se identificasse.

C) POPULAÇÃO ESTUDADA / CRITÉRIOS DE SELEÇÃO DA AMOSTRA

Estudo 1 — Condições de saúde e trabalho dos professores da rede particular de ensino de Salvador, Bahia

Considerou-se elegíveis para o estudo todos os professores da rede particular de ensino de Salvador, Bahia. Professores de Educação Física, Informática e Música foram excluídos do estudo, em função das características peculiares do trabalho nessas modalidades. Também foram excluídos professores de escolas com quadro docente inferior a 5 professores.

Estimou-se um total de 8.175 professores da rede particular de Salvador, em 1995. Para selecionar a amostra a ser

estudada, procedeu-se inicialmente a classificação das escolas existentes em três estratos: escolas pequenas (5 a 20 professores), médias (21 a 50 professores) e grandes (com mais de 50 professores). Com base em uma listagem de escolas da rede particular, fornecida pelo Sindicato de Professores no Estado da Bahia, fez-se uma amostragem aleatória por conglomerados (escolas), estratificada, proporcional. Ou seja, selecionou-se, aleatoriamente, um número de escolas nos estratos pequena, média e grande, proporcional àquele existente no universo. Em cada escola sorteada, selecionou-se, aleatoriamente, um número de professores proporcional ao número de professores naquela escola com relação ao universo. O tamanho da amostra foi calculado tomando-se como parâmetros: população total de 8.175 docentes, nível de significância estatística de 95%, proporção esperada de 50% para o evento estudado (proporção que resulta no maior tamanho possível para a amostra) e grau de precisão de 5% para as estimativas a serem obtidas na amostra. Como a amostragem foi feita por

⁵ Distúrbios psíquicos menores incluem sintomas classificados como neuróticos, tais como depressão, ansiedade, tristeza, sintomas somáticos leves. O SRQ-20, instrumento usado aqui para investigar DPM, avalia nível de suspeição; portanto não produz diagnóstico clínico, avalia apenas se o indivíduo é ou não suspeito de portar algum tipo de distúrbio neurótico.

conglomerados, definiu-se um efeito do desenho igual a 1,5 o que resultou em um *n* total igual a 551 professores. Decidiu-se estudar 600 professores, a serem selecionados de 60 escolas escolhidas aleatoriamente. O número de 60 escolas foi definido em função da capacidade da equipe de pesquisa, e correspondeu a cerca de 22% das escolas cadastradas.

Estudo 2 — Condições de saúde e trabalho dos docentes da Universidade Federal da Bahia

Examinou-se uma amostra aleatória estratificada por unidade de ensino da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Foram entrevistados 257 (14,9%) dos 1.728 professores lotados nas 29 unidades da UFBA. Foram considerados elegíveis para o estudo todos os professores com vínculo contratual de Auxiliar, Assistente, Adjunto e Titular. Professores Substitutos e de Classe Especial foram excluídos da amostragem.

A pesquisa contou com apoio da Reitoria, do Serviço Médico da UFBA e da Associação dos Professores Universitários da Bahia (APUB).

A coleta de dados foi realizada no próprio local de trabalho, no período de dezembro de 1998 a março de 1999.

ESTUDO 3 — INTERFACE ENTRE TRABALHO DOCENTE E SAÚDE: ESTUDOS DE PROFESSORES DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

A Universidade Estadual de Feira de Santana estrutura-se em departamentos que, no momento da pesquisa, somavam 9 departamentos (Ciências Biológicas, Letras e Artes, Ciências Sociais Aplicadas, Educação, Filosofia e Ciências Humanas, Tecnologia, Saúde, Física e Ciências Exatas). Por problemas operacionais, no presente estudo, foram estudados professores de cinco dos nove departamentos existentes. Realizou-se um censo entre os professores desses cinco departamentos e, assim, todos os professores que atendiam aos critérios de inclusão no estudo foram solicitados a responder o questionário.

Foram considerados elegíveis para o estudo os professores que possuíam vínculo contratual permanente de Auxiliar, Assistente, Adjunto ou Titular. Os professores/as Substitutos, Visitantes ou afastados para outras atividades, como cursos de pós-graduação ou à disposição de outro órgão, foram excluídos da investigação.

A população total, elegível para o estudo, somou 351 professores lotados nos cinco departamentos selecionados para o estudo: Saúde (114 professores), Educação (61), Física (17), Letras e Artes (73) e Biologia (86).

ESTUDO 4 — CONDIÇÕES DE SAÚDE E TRABALHO DE PROFESSORES DA REDE MUNICIPAL E PARTICULAR DE ENSINO DE VITÓRIA DA CONQUISTA

Em Vitória da Conquista foram conduzidos dois estudos simultâneos: um com professores das escolas públicas municipais e um segundo com professores das escolas particulares de Conquista.

SUBPROJETO 1 — ESTUDO DAS ESCOLAS DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO

No estudo das escolas municipais, foram incluídas todas as escolas existentes no município nas áreas urbana e rural. Excluíram-se do estudo os professores de Educação Física, de Xadrez, de Informática e professores que exerciam atividades de coordenação ou direção, sem ter atividade docente, no momento da pesquisa. Esses professores foram excluídos pelas características particulares que o trabalho docente possui nessas atividades, incluindo uma série de nuances que não estavam contempladas no instrumento de pesquisa utilizado.

A população total elegível para o estudo, a partir de dados obtidos na Secretaria Municipal de Educação, contabilizou 991 professores.

SUBPROJETO 2 — ESTUDO DAS ESCOLAS DA REDE PARTICULAR DE ENSINO

No estudo das escolas particulares, selecionou-se as dez maiores escolas existentes em Vitória da Conquista, e realizou-se um censo entre os professores empregados nessas dez escolas. Os critérios de exclusão adotados foram similares àqueles acima mencionados para os professores da rede municipal de ensino.

O levantamento do número de professores em atividade nas escolas particulares selecionadas para o estudo apontou um total de 308 professores.

RESULTADOS OBTIDOS

ESTUDO 1 — CONDIÇÕES DE SAÚDE E TRABALHO DOS PROFESSORES DA REDE PARTICULAR DE ENSINO DE SALVADOR, BAHIA

Das 60 escolas selecionadas para o estudo, houve recusa de participação de duas escolas, que foram consideradas como perdas. Portanto, registrou-se perda de 3,3% das escolas da amostra. Ao todo, foram estudadas 58 escolas e 573 professores — número mais do que suficiente, segundo o número mínimo necessário (551) definido no processo de amostragem.

A média de idade dos professores estudados foi 34,7 anos (desvio padrão = 8,7); o tempo médio na profissão foi de 11,5 anos. As mulheres representaram 74% da população estudada e 71,9% dos docentes tinham nível de formação universitária. Com relação ao trabalho: 43,1% trabalhavam em mais de uma escola particular, 20,2% trabalhavam em uma outra escola pública e 27,7% relataram possuir outra atividade remunerada além da atividade docente.

As condições de trabalho positivas mais referidas foram:

- Boa relação com os colegas (97,9%)
- Autonomia no planejamento das atividades (89,8%)
- Satisfação no desempenho da atividade docente (88,8%)

As condições de trabalho negativas mais referidas foram:

- Esforço físico elevado (78,8%)
- Exposição a poeira e pó de giz (62%)
- Fiscalização contínua do desempenho (61,9%)
- Ritmo acelerado de trabalho (60,6%)

Ao avaliar-se a saúde física observou-se que as principais queixas de doenças e agravos referiram-se a problemas relacionados ao uso intensivo da voz, à postura corporal mantida na atividade, à

exposição ao pó de giz e ao desgaste mental (tabela 1).

As doenças mais frequentemente referidas foram: varizes (29,3%), rinite (23,0%) e calos nas cordas, que atingiram 12,0% dos professores estudados.

Quando se avaliou a saúde mental do professores, observou-se que o sofrimento mental configurava-se como situação presente para uma parcela significativa dos professores. A prevalência global de distúrbios psíquicos menores (DPM) foi de 20,3%. Ou seja, um a cada cinco indivíduos estudados eram suspeitos de portar algum tipo de distúrbio psíquico.

Todas as características do trabalho apontadas na tabela 2 apresentaram forte associação com DPM. Os docentes cujas atividades de trabalho tinham as características investigadas apresentaram cerca de duas vezes ou mais DPM do que os docentes que não referiram tais características, com destaque para trabalho repetitivo, insatisfação no desempenho das atividades e ambiente laboral intranquilo e estressante.

Tabela 1: Principais queixas referidas pelos professores da rede particular de ensino de Salvador (n = 573 professores), 1996.

Problemas de saúde	n	%
<i>Relacionados ao uso intensivo da voz</i>		
Dor na garganta	283	49,5
Rouquidão	249	43,5
Perda temporária da voz	129	22,6
<i>Relacionados à postura corporal</i>		
Dor na pernas	270	47,1
Dor nas costas	258	45,0
Dor nos braços	143	25,0
<i>Problemas psicossomáticos</i>		
Cansaço mental	227	39,6
Nervosismo	145	25,3
Esquecimento	124	21,6
<i>Relacionados à exposição a pó de giz</i>		
Espirros frequentes	150	26,2
Irritação nos olhos	141	24,6
Problemas de pele	127	22,2

Tabela 2: Prevalência (%) de distúrbios psíquicos menores segundo grupo de **expostos** (docentes que responderam positivamente à característica do trabalho) e grupo de **não expostos** (docentes que responderam negativamente à característica do trabalho). Salvador, 1996.

Características do Trabalho	n P: Prevalência de DPM (%)	RP: Razão de Prevalência	IC: Intervalo de Confiança
Trabalho repetitivo	167 / 36,5	383 / 12,5	2,9 (2,9; 4,06)
Insatisfação no desempenho das atividades	63 / 46,0	496 / 16,9	2,7 (1,95; 3,78)
Ambiente estressante e intranquilo	199 / 32,2	356 / 13,8	2,3 (1,68; 3,25)
Dificuldades de relação com os colegas de trabalho	12 / 50,0	558 / 19,5	
Desgaste na relação professor-aluno	178 / 33,1	384 / 14,1	2,4 (1,71; 3,36)
Falta de autonomia no planejamento de atividades	57 / 40,4	501 / 18,2	2,2 (1,54; 3,20)
Ritmo acelerado de trabalho	336 / 25,9	217 / 12,0	2,2 (1,44; 3,24)
Desempenho das atividades sem materiais e equipamentos adequados	147 / 33,3	404 / 15,8	2,1 (1,53; 2,90)
Pressão da direção	91 / 31,9	468 / 17,7	1,8 (1,26; 2,57)
Salas inadequadas	145 / 30,3	417 / 16,5	1,8 (1,32; 2,54)

ESTUDO 2 — CONDIÇÕES DE SAÚDE E TRABALHO DOS DOCENTES DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

A amostra final do estudo foi constituída por 257 professores. Os homens representaram 55,3% da população estudada. A média de idade foi 46 anos.

Mais da metade dos professores referiram problemas na estrutura física dos locais de trabalho (ventilação, ergonomia das carteiras e mesas, acústica das salas de aula e trabalho, nível de ruído e condições de limpeza dos locais de trabalho). Os riscos mais freqüentemente referidos foram os de violência pessoal — roubos, furtos, estupro (57,3%), violência contra o patrimônio (66,6%) e exposição ao calor (63,0%). A insatisfação com o salário foi referida por 84,5% da amostra. As queixas de saúde mais freqüentemente referidas foram cansaço mental (44,6%), dor nas pernas (36,1%), dor nas costas (34,7%), rinite (28,1%), rouquidão (25,9%) e esquecimento (25%). As varizes de membros inferiores e a hipertensão arterial sistêmica foram os diagnósticos confirmados por médicos com maior prevalência (25,3% e 17,1%, respectivamente).

O consumo de bebida alcoólica foi referido por 51,8% dos professores e, segundo o CAGE, 3,9% foram classificados positivamente, indicando nível de

supeição de consumo abusivo de álcool. O hábito de fumar foi referido por 17,1% dos entrevistados.

A prevalência global de distúrbios psíquicos menores foi 18,7%, e variou de 20,0% entre as mulheres a 17,6% entre os homens. A prevalência de DPM variou entre os diferentes níveis de demanda psicológica do trabalho e de controle do professor sobre o seu trabalho. Entre os professores que referiram possuir baixa demanda, a prevalência de DPM foi 11,5%, entre os que referiram possuir alta demanda, a prevalência de DPM foi 24,3%; ou seja, os professores que relataram alta demanda apresentaram prevalência de DPM duas vezes maior do que o grupo de baixa demanda. Situação inversa foi observada para o controle: quanto mais alto o controle sobre o próprio trabalho, menor a prevalência de DPM. Entre os indivíduos que tinham alto controle, a prevalência de DPM foi 16,7%; entre aqueles que tinham baixo controle, a prevalência foi 20,1%.

ESTUDO 3 — INTERFACE ENTRE TRABALHO DOCENTE E SAÚDE — ESTUDOS DE PROFESSORES DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

Do total de professores elegíveis para o estudo, 228 responderam os questionários, obtendo-se, assim, uma taxa global de resposta de 65%.

Na população estudada predominou o sexo feminino (61,5%). A faixa etária de 30 a 39 anos foi a mais freqüente, representando 45,9% do total. A idade mínima foi 26 anos e a máxima, 68 anos. O tempo médio de trabalho como docente foi 8,5 anos.

Dentre as cargas de trabalho estudadas destacaram-se as referentes aos aspectos ergonômicos e organizacionais do trabalho. Com relação às cargas ergonômicas destacaram:

- Permanecer em pé por longos períodos: 80,8%
 - Escrever em quadro de giz: 76,5%
 - Posição inadequada do corpo: 58,7%
 - Posição inadequada da cabeça: 48,6%
- Com relação aos aspectos da organização do trabalho:
- Exigência de concentração por longos períodos: 71,6%
 - Tempo insuficiente para estudo: 66,7%
 - Ritmo de trabalho acelerado: 54,6%

As queixas de saúde mais freqüentemente referidas também estavam relacionadas ao uso intensivo da voz, às posturas mantidas durante o trabalho e problemas relacionados ao desgaste mental (tabela 3). Entre os diagnósticos médicos relatados destacaram-se: rinite (42,1%), varizes

(27,2%), alergia dermatológica (25,9%) e gastrite (21,1%). Cerca de 5% se referiram a calos nas cordas vocais.

A prevalência global de distúrbios psíquicos foi 17,9%, variando de 20,8% entre as mulheres a 12,7% entre os homens. A prevalência de DPM foi avaliada segundo diferentes níveis de controle do professor sobre o seu trabalho e níveis de demanda psicológica gerada pela ocupação. O resultados, apresentados na tabela 4, apontaram que os professores cujas atividades implicavam baixo controle sobre o trabalho e alta demanda (trabalho realizado em situação de alta exigência) apresentaram a mais elevada prevalência de DPM (21,4%); cerca de 2,3 vezes maior do que a prevalência de DPM entre professores em situações ocupacionais de alto controle e baixa demanda (trabalho em baixa exigência), cuja prevalência foi 9,3%.

ESTUDO 4 — CONDIÇÕES DE SAÚDE E TRABALHO DE PROFESSORES DA REDE MUNICIPAL E PARTICULAR DE ENSINO DE VITÓRIA DA CONQUISTA

Do total de professores da rede municipal de ensino fundamental e médio, 808 professores responderam ao questionário, representando uma taxa de resposta de 81,5% dos professores. Dos docentes estudados, 55,8% (n = 451)

Tabela 3: Principais queixas referidas pelos docentes (N = 228) da Universidade Estadual de Feira de Santana, 2001.

Problemas de saúde	%
<i>Problemas psicossomáticos</i>	
Cansaço mental	73,3
Esquecimento	48,0
Sonolência	42,6
Problemas digestivos	37,3
Insônia	32,8
<i>Relacionados à postura corporal repetitiva</i>	
Dor na pernas	55,7
Dor nas costas	55,6
Dor nos braços	39,6
<i>Relacionados ao uso intensivo da voz</i>	
Dor na garganta	40,0
Rouquidão	34,9
<i>Relacionados à exposição a pó de giz</i>	
Tosse freqüente	28,8
Irritação nos olhos	27,4

ensinavam em escolas da zona urbana e 44,2% (n = 357) em escolas da zona rural.

No estudo das escolas da rede particular de ensino, que também incluía pré-escola, ensino fundamental e médio, 250 professores retornaram os questionários, o que correspondeu a uma taxa de resposta de 81,2% dos professores. Apenas professores de escolas da zona urbana foram investigados.

Na avaliação das características sociodemográficas e do trabalho docente (tabela 5), observou-se que, em ambas as redes, as mulheres predominaram amplamente. Com relação à escolaridade observou-se diferença marcante: apenas 32% dos docentes da rede municipal de ensino possuíam nível superior, enquanto na rede particular a situação era inversa, 72% tinham concluído um curso universitário.

Tabela 4: Prevalência de DPM entre os docentes da UEFS, segundo grupos de demanda e de controle no trabalho. Feira de Santana, Bahia, 2001.

Situações de trabalho segundo níveis de demanda e controle	Distúrbios psíquicos menores			
	N	n	%	RPIC (95%)
Baixa exigência (alto controle, baixa demanda)	43	4	9,3	Grupo de comparação
Trabalho passivo (baixo controle, baixa demanda)	57	10	17,5	1,89 (0,63; 5,61)
Trabalho ativo (alto controle, alta demanda)	72	14	19,4	2,09 (0,74; 5,94)
Alta exigência (baixo controle, baixa demanda)	56	12	21,4	2,30 (0,80; 6,65)

Foram encontrados percentuais similares entre as duas redes com relação ao tempo de trabalho como professor e ao número médio de alunos por turma. Registrou-se elevado percentual de professores que trabalhavam em mais de uma escola, tanto na rede municipal (32%), quanto na rede particular (59%); destacando-se que essa situação era quase duas vezes mais freqüente na rede particular de ensino do que na rede municipal. Além da atividade docente, 19% dos professores da rede particular mantinham uma outra atividade remunerada. Esses dados atestam que elevada carga de trabalho, com prolongamento da jornada semanal de

trabalho, é uma realidade para parcela significativa dos professores, uma vez que indicam múltiplos empregos. Um dos fatores que podem estar relacionados a essa situação de múltiplos empregos são os baixos salários recebidos, o que, por sua vez, leva à manutenção de várias fontes de renda para garantir condições mínimas de vida.

Com relação às condições nas quais o trabalho é exercido, destacou-se o elevado percentual de professores que assinalaram que o trabalho proporcionava aprendizado de coisas novas e que havia liberdade para definir como realizar as próprias tarefas (Tabela 6). Por outro lado, características como trabalho repetitivo e

Tabela 5: Características sociodemográficas e do trabalho docente dos professores da rede municipal (N = 808) e da rede particular (N = 250) de ensino de Vitória da Conquista, 2001.

Características	Rede municipal	Rede particular
<i>Sociodemográficas</i>		
Média de idade	34 anos	35 anos
Mulheres	94%	83%
Casados / união livre	52%	64%
Nível de escolaridade superior	32%	72%
<i>Trabalho docente</i>		
Tempo de trabalho como professor	10 anos	11 anos
Número médio de alunos por turma	29 alunos	30 alunos
Número médio de turmas por professor	2,5 turmas	4,0 turmas
Trabalham em outra escola	32%	59%
Realizam outra atividade remunerada não-docente	6%	19%

envolvendo esforço físico foram também referidos por um percentual significativo de professores. Cabe notar, ainda, o fato de 35% dos professores da rede municipal ter mencionado relações hostis e conflituosas com os colegas de trabalho.

A análise da saúde física e mental dos professores revelou uma situação preocupante: os percentuais de queixas de doença e de diagnósticos médicos foram muito maiores do que nos demais estudos realizados. A situação de saúde referida pelos professores foi, no geral,

similar entre as duas redes de ensino, embora os percentuais tenham sido mais elevados na rede municipal (tabela 7).

A prevalência de DPM foi bastante elevada: 55% entre os professores da rede municipal e 41% entre os da rede particular. Essa prevalência explicita situação de intenso sofrimento psíquico na população pesquisada.

Um dos fatores que deve ser considerado na análise dos resultados obtidos nestes dois estudos refere-se ao período no qual se realizou a coleta de

Tabela 6: Características da organização do trabalho docente dos professores da rede municipal (N = 808) e da rede particular (N = 250) de ensino de Vitória da Conquista, 2001.

Características do trabalho docente	Rede municipal	Rede particular
Aprendizagem de novas coisas	88%	95%
Liberdade para decidir como fazer suas tarefas	82%	77%
Exigência do esforço físico	63%	48%
Trabalho repetitivo	45%	39%
Hostilidade e conflito com seus colegas	35%	19%

Tabela 7: Principais queixas de doença e diagnósticos médicos de doença desde o início do atividade como professor, 2001.

Problemas de saúde	Rede municipal	Rede particular
<i>Principais queixas</i>		
Cansaço mental	70%	59%
Dor em membros superiores	67%	52%
Dor em membros inferiores	64%	51%
Dor nas costas	63%	48%
Dor na garganta	54%	46%
Perda temporária da voz	25%	23%
<i>Diagnósticos médicos</i>		
Varizes em membros inferiores	35%	34%
Gastrite / esofagite	28%	22%
Sinusite crônica	18%	16%
Lesões por esforços repetitivos (LER)	15%	12%
Calos nas cordas vocais	11%	12%

dados. Diferentemente dos demais estudos, em que a coleta de dados ocorreu no início ou meio do semestre letivo, estes dois últimos estudos ocorreram na metade final do segundo semestre, portanto, no final do ano letivo. Ruiz et al. (1998), em estudo realizado em São Paulo, no ambulatório de atendimento aos funcionários públicos estaduais, observou que a demanda dos professores variava de acordo com os períodos do ano: era baixo no início do ano, aumentava no final do primeiro semestre, diminuía no período de férias e voltava a elevar-se na segunda metade do segundo semestre, atingindo seu ápice no final do semestre. Os percentuais elevados das queixas de doença e de distúrbios psíquicos observados podem, portanto, refletir desgaste físico e mental acumulado durante o ano letivo, mais do que situações mais permanentes de adoecimento. Assim, os resultados obtidos devem ser avaliados com cautela. Ainda que não se possa afastar a possibilidade de superestimação dos percentuais dos problemas de saúde avaliados, parece-nos incontestável o fato de que a situação encontrada é merecedora de atenção, indicando que medidas de prevenção devam ser implementadas a curto prazo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Do conjunto dos resultados obtidos, alguns aspectos merecem ser destacados. A população estudada, com exceção dos docentes da Universidade Federal da Bahia, era relativamente jovem (média de idade em torno de 35 anos). Embora fosse uma população jovem, detectou-se grande proporção de professores com várias queixas de saúde. Esse é um dado preocupante e pode ser indicativo de um processo de desgaste acelerado que promove uma série de repercussões negativas sobre a saúde dos professores.

As queixas de doença mais relevantes foram aquelas relacionadas ao uso contínuo da voz (dor na garganta, rouquidão, perda temporária da voz), à postura corporal adotada no exercício das atividades (dor nas costas e pernas) e repercussões dessas atividades no funcionamento psico-emocional (cansaço mental, nervosismo). Merece nota, pela gravidade do problema, o elevado percentual de professores que mencionaram calos nas cordas vocais (atingindo, em média, 10% do contingente investigado em cada estudo).

Os achados encontrados são coerentes com resultados obtidos em outros estudos que destacaram problemas de voz (Penteado e Pereira, 1998), calos nas cordas vocais (Cesat, 2000) e cansaço

mental (Cifuentes, 2000) como efeitos negativos sobre a saúde dos professores.

Os aspectos referentes à saúde mental foram problemas de saúde de enorme relevância entre os professores. Em primeiro lugar, pela frequência dos distúrbios psíquicos menores, atingindo, em média, um a cada cinco educadores investigados. Em segundo lugar, pela possibilidade do sofrimento psíquico constituir uma importante porta de entrada para outras manifestações patológicas, uma vez que o que perturba a mente pode repercutir no estado de saúde física, sob a forma de enfermidades psicossomáticas.

Os processos de desgaste físico e mental dos professores representam conseqüências negativas não somente para o professor, mas também para o aluno e para o sistema de ensino. Os custos sociais e econômicos podem ter múltiplos desfechos: ausentismo ao trabalho, acidentes, enfermidades diversas, físicas, comportamentais e psíquicas.

Existem efeitos diretos e indiretos sobre o funcionamento da escola que afetam tanto as relações entre os profissionais como entre o professor e o aluno. Os alunos percebem o sofrimento dos próprios professores em sala de aula, como atesta o estudo realizado por Tatar e Yahav (2001). Quando um professor se encontra freqüentemente afastado por

problemas de saúde, os alunos, em geral, passam a ter número elevado de diferentes educadores no decorrer do curso, repercutindo negativamente na qualidade do ensino oferecido. É importante que as crianças e adolescentes sejam capazes de criar relações de confiança com os seus professores. Contudo, a estruturação de relações estáveis e de confiança fica comprometida se os professores são pouco acessíveis em função das condições de saúde ou por outro motivo, como, por exemplo, por contratação temporária de educadores (Travers e Cooper, 1997). Além disso, o estado de ânimo dos professores é um importante determinante no aprendizado dos estudantes. Na escola, como destacam Pentead e Pereira (1998), o professor é o profissional que possui papel de destaque frente aos alunos, às famílias e à comunidade, tornando-se, muitas vezes, referência de hábitos, conhecimentos, comportamentos e práticas de saúde para a população.

Portanto, o resgate do reconhecimento social dessa categoria profissional insere-se, efetivamente, no processo de resgate de perspectivas humanas para as nossas sociedades. As poucas iniciativas que têm sido implementadas atestam que alternativas podem ser viabilizadas e sustentadas nessa direção.

Ressalta-se, por fim, que os aspectos da organização e das condições de

trabalho apontados aqui podem ser amplamente reestruturados — não são características inerentes às atividades docentes. A organização do trabalho é fruto de decisões e definições que se processam cotidianamente, refletem as correlações de forças e a capacidade dos grupos de interesses macro e microestruturais de se fazerem representar.

A contribuição maior pretendida na realização desses estudos foi proporcionar evidências empíricas acerca dos principais problemas de saúde dos professores, procurando apontar aspectos no processo de trabalho associados à esses problemas, bem como conhecer os processos de desgaste produzidos pela atividade de ensino. Concluída essa etapa, pesquisas futuras devem ser desenvolvidas para aprofundar e especificar aspectos importantes, que foram aqui descritos. Estudos qualitativos podem ajudar a compreender os processos dinâmicos que são construídos no mundo do trabalho docente, as representações individuais e sociais, a cultura institucional, os mecanismos coletivos de estruturação de defesas. Além disso, seria relevante a condução de estudos longitudinais que pudessem estabelecer, com maior precisão, a associação entre características do ambiente de trabalho e o processo de adoecimento dos professores.

As evidências empíricas aqui apresentadas vêm oferecendo apoio às ações e lutas sindicais, além de estruturar medidas legais para proteção da saúde dos trabalhadores em educação. A inclusão de cláusulas de saúde no Acordo Coletivo do Trabalho (o que tem viabilizado iniciativas de substituição do quadro de giz, uso de microfones, isolamento acústico das salas de aula, por exemplo) e a responsabilização das escolas com relação aos casos de doença ocupacional diagnosticados constituem medidas que, embora de pequena abrangência, melhoram a qualidade do trabalho no ambiente escolar e abrem promissoras possibilidades na direção de conquistas mais substanciais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALIGHIERO, M. *Marx e a pedagogia moderna*. São Paulo: Autores Associados, 1991. p.43-66.
- CARVALHO, M. M. B. *O Professor – Um Profissional, sua Saúde e a Educação em Saúde na Escola*. Tese de Doutorado em Educação em Saúde Pública. São Paulo, USP, 1995.
- CESAT – Centro de Estudos da Saúde do Trabalhador, SESAB/BA. *Relatório do estudo da demanda do ambulatório, no período de 1991 a 1998*. Salvador: 2000.
- CHECKOWAY, H. *et al. Research methods in occupational epidemiology*. Oxford University Press, N.Y. p: 202-231, 1989.
- CIFUENTES, M. *Sintomatología psiquiátrica según SRQ-20 y factores asociados en profesores municipalizados de la comuna de Talcahuano*. Tese do doutorado. Facultad de Medicina, Universidad de Concepción, Concepción, 124p., 2000.
- CODO, W. (coord.) *Educação: carinho e trabalho*. Petrópolis: Editora Vozes/CNTE, 1999.
- CODO, W.; VASQUES-MENEZES, I. (1999). Educar, Educador. In: Codo, W. (coord.). *Educação: Carinho e Trabalho*. Petrópolis: Vozes, 432 p., p. 37-47, 1999.
- COOPER, C. L. Life at the chalkface-identifying and measuring teacher stress. *British Journal of Educational Psychology*, 65: 69-71, 1995.
- CUNHA, W. T. *O Corpo Docente do Ensino Superior e as Doenças Ocupacionais*. Dissertação de Mestrado em Educação. São Paulo: Universidade São Francisco, 2000.
- DEJOURS, C. *A loucura do trabalho: estudo da psicopatologia do trabalho*. São Paulo: Cortez, 1987.
- DICK, R.; WAGNER, U. Stress and strain in teaching: a structural equation approach. *British Journal of Educational Psychology*, 71: 243-59, 2000.
- ESTEVE, J. M. Mudanças Sociais e Função Docente. In: NÓVOA, A. *Profissão Professor*. 2. ed. Portugal: Porto Editora, 1995.
- GRIFFITH, J.; STEPTOE, A.; CROPLEY, M. An investigation of coping strategies associated with job stress in teachers. *British Journal of Educational Psychology*, 69: 517-31, 1999.
- JACOBSSON, C.; POUSETTE, A.; TUILYEFORS, I. Managing stress and feelings of mastery among Swedish comprehensive school teachers. *Scandinavian Journal of Educational Research*, 45(1): 37-53, 2001.

- KOHEN, J. A. Nuevas relaciones laborales y salud de los trabajadores en Argentina. Desafios y perspectivas para la investigación. *Cadernos de Saúde Pública*. 13: 47-57, 1997.
- KOHEN, J.; VALLES, I. Crisis en el sistema educativo y la salud laboral docente. *Salud de los trabajadores*, 2(2):143-51, 1994.
- MARI, J. J. *Minor psychiatric morbidity in three primary medical care clinics in the city of São Paulo*. A Thesis submitted of the Degree of Doctor of Philosophy in the University of London. Londres, 1986.
- MASLACH, C.; LEITER, M. P. *Trabalho: fonte de prazer ou desgaste?* Campinas: Papirus Editora, 1999.
- NORIEGA, A, M. La Realidad Latinoamericana frente a los Paradigmas de Investigación en Salud Laboral. *Salud e Trabajo*, 3(1): 13-20, 1995.
- NORONHA, M. M. B. *Condições do exercício profissional da professora e os seus possíveis efeitos sobre a saúde: estudo de casos das professoras do ensino fundamental em uma escola pública de Montes Claros, Minas Gerais*. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte: Faculdade de Medicina/UFMG, 2001.
- OIT, Organização Internacional do Trabalho. *Empleo y Condiciones de Trabajo del personal Docente*. Ed. OIT: Ginebra, 170p., 1981.
- OIT, Organização Internacional do Trabalho. *Enciclopedia de salud y seguridad en el trabajo*. 3 ed. Ministerio de Trabajo y Asuntos Sociales de España: Madrid, 94.1-94.12p., Servicios de educación y formación, 2001. Disponível em: <http://www.mtas.es/insht/EncOIT/Index.htm>. Acesso em 4 de out. 2002.
- OLIVEIRA, M. G. *Condições de trabalho, gênero e saúde: sofrimento e estresse. Um estudo de caso com os profissionais docentes do ensino superior privado de Belo Horizonte*. Dissertação de mestrado. Belo Horizonte: Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 2001. 171p.
- PARANHOS, I. S. *Interface entre Trabalho Docente e Saúde dos Professores da Universidade Estadual de Feira de Santana*. Dissertação de Mestrado. Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2001. 151p.
- PALOMARES, A. El estrés en el profesorado: un problema sin respuesta. *Ensayos*. Escuela Universitaria de EGB, 16: 229-45, 2001.
- PENTEADO, R; PEREIRA, I. M. *A voz do professor: relações entre trabalho, saúde e qualidade de vida*. *Revista Brasileira de Saúde Ocupacional*, 95/96 (25): 109-30, 1998.

- PEREIRA, M. G. *Epidemiologia Teoria e Prática*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan S. A., 1995, p. 269-88.
- PITHERS, R. T.; SODEN, R. Scottish and Australian teacher stress and strain: a comparative study. *British Journal of Educational Psychology*, 68(2): 269-80, 1998.
- ROCHA, M. L.; GOMES, L. G. Saúde e trabalho: A educação em questão. In: BRITO, J.; BARROS, M. E.; NEVES, M.; ATHAYDE, M. (ed.). *Trabalhar na escola*. Rio de Janeiro: Edições PUB, 2001. 251-77p.
- RUIZ, R. C.; SELVAS, A. A. A.; HECK, B.; PRIOR, E. L.; RUIZ, V. Análise da demanda ambulatorial entre professores de 1 e 2 graus da rede pública de Sorocaba. *Proteção*, 45-48p., 1998.
- SACRISTÁN, J. G. Consciência e ação sobre a prática como libertação profissional dos professores. In: NÓVOA, A. (org.). *Profissão Professor*. 2. ed., Portugal: Porto Editora, 1995.
- SILVANY-NETO, A. et al. Condições de Trabalho e Saúde dos Professores da Rede Particular de Ensino de Salvador. *Revista Baiana de Saúde Pública*. 24 (1/2): 42-56, Jan/Dez, 2000.
- TARIS, T.; PEETERS, M. C. W.; LE BLANC, P. M.; SCHIAUFFELL, W. B.; SCHIREURS, P. J. G. From inequity to burnout. The role of job stress. *Journal of Occupational Health Psychology*, 6(4): 303-23, 2001.
- TATAR, M.; YAHAV, V. Secondary school pupils' perceptions of burnout among teachers. *British Journal of Educational Psychology*, 69: 457-68, 1999.
- THIERRIEN, J.; LOIOLA, F. A. *Experiência e competência no ensino: pistas de reflexões sobre a natureza do saber – ensinar na perspectiva da ergonomia do trabalho docente*. Rev. Educação & Sociedade, ano XXII, n. 74, p. 143 – 160, abril 2001.
- TRAVERS, C. J.; COOPER, C. L. *La presión en la actividad docente. Temas de educación*. 1 ed. Paidós: Barcelona, 37-55p., Costes y Consecuencias del estrés entre los docentes, 1997.
- VASCONCELOS, C. dos S. Construção do Conhecimento em Sala de Aula. *Cadernos Libertad*. 2: 9-41, 1995.
- VASCONCELOS, C. dos S. *Para onde vai o professor? Resgate do Professor como Sujeito de Transformação*. 8. ed. São Paulo: Libertad, 2001.
- WERNICK, R. *Condições de saúde e trabalho dos docentes da Universidade Federal da Bahia*. Dissertação de Mestrado. Salvador: Instituto de Saúde Coletiva/UFBA, 2000.

Data de recebimento: 15 de junho de 2003

Data de aprovação: 20 de junho de 2003